



# PISA

## EM FOCO

# 6

educação política educação política educação política educação política educação política educação política educação política

## Quando os estudantes repetem um ano ou são transferidos da escola: o que isso significa para os sistemas de educação?

- Altos índices de repetência podem custar muito aos países.
- Nos países em que há mais estudantes repetentes, o desempenho geral tende a ser mais baixo e o ambiente socioeconômico exerce impacto mais forte sobre o rendimento escolar do que nos países em que poucos estudantes são repetentes. Os mesmos resultados são encontrados em países onde é mais comum transferir de escola os alunos fracos ou indisciplinados.
- Países que têm menos opção de transferir alunos usam outras formas de trabalhar com estudantes que precisam se esforçar mais, tais como dar às escolas maior autonomia para definir os currículos e as avaliações.

Os sistemas escolares lidam de diferentes formas com os desafios trazidos por populações diversificadas de estudantes. Alguns países têm sistemas escolares não seletivos e abrangentes que buscam fornecer as mesmas oportunidades a todos os estudantes, deixando às escolas e aos professores a tarefa de atender às necessidades específicas de cada estudante. Outros países agrupam os alunos, seja em diferentes escolas ou em diferentes turmas dentro de uma mesma escola, com o objetivo de atender os estudantes de acordo com seu potencial acadêmico específico, seus interesses e/ou comportamentos. Fazer com que os alunos repitam uma série ou transferir para outra escola os alunos com dificuldades ou que sejam indisciplinados são políticas comuns usadas para agrupá-los por esse motivo.

### A repetência é usada de forma ampla em alguns países...

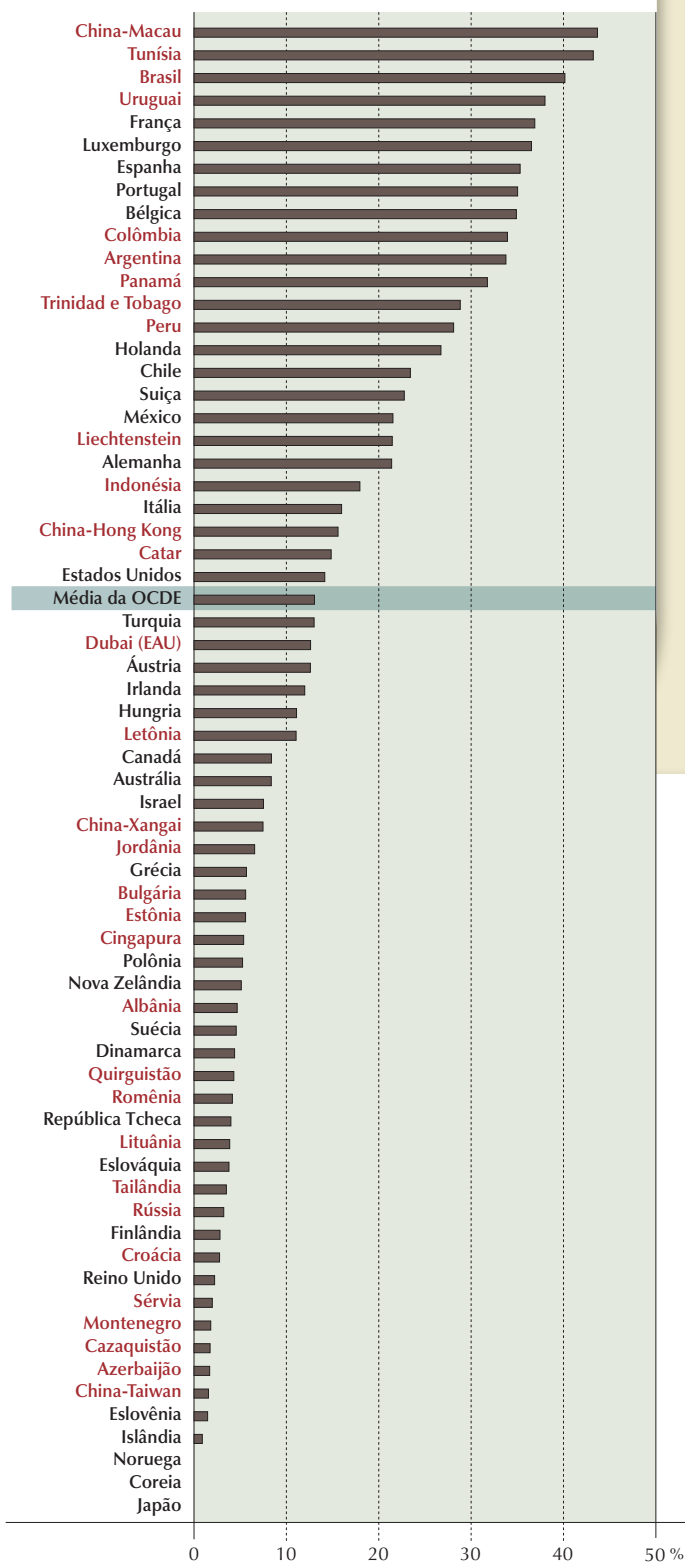
De acordo com o PISA 2009, em média 13% dos estudantes de 15 anos nos países da OCDE relataram que repetiram pelo menos uma série: 7% repetiram alguma série na escola primária, 6% nas séries finais do ensino fundamental, e 2% no ensino médio. Mais de 97% dos estudantes da Finlândia, da Islândia, da Eslovênia, do Reino Unido, dos países parceiros Azerbaijão, Croácia, Cazaquistão, Montenegro, Sérvia e da economia parceira China-Taiwan disseram que nunca repetiram uma série, e a repetência simplesmente não existe no Japão, na Coreia e na Noruega. Em compensação, mais de 25% dos estudantes da Bélgica, da França, de Luxemburgo, da Holanda, de Portugal, da Espanha, dos países parceiros Argentina, Brasil, Colômbia, Panamá, Peru, Trinidad e Tobago, Tunísia, Uruguai e da economia parceira China-Macau disseram ter repetido uma série.



# PISA

## EM FOCO

### Porcentagem de alunos que dizem ter repetido pelo menos um ano na educação básica como um todo



Fonte: OCDE, Base de dados do PISA 2009, Quadro IV.3.1.

... mas há custos.

Contudo a repetência escolar tem custos, incluindo a despesa de fornecer mais um ano de educação para um aluno, além do custo para a sociedade em atrasar a entrada daquele estudante no mercado de trabalho em pelo menos um ano. Entre os países que praticam a repetência, e que têm dados relevantes disponíveis, como Islândia e Eslovênia, o custo de usar a repetência para uma faixa etária pode ser de apenas 0,5% ou menos do gasto anual do país com a educação básica. Quando se calcula esse custo por alunos de 15 anos de idade o valor é de 500 dólares americanos ou menos. Na Bélgica, na Holanda e na Espanha, o custo é equivalente a 10% ou mais do gasto anual do país com a educação básica, e o custo por aluno pode chegar a 11 mil dólares americanos ou mais. Essas estimativas baseiam-se na suposição de que os estudantes que repetem uma série conseguem, no máximo, completar o ensino fundamental. Se a expectativa é de que eles alcancem níveis mais elevados de educação, os custos são ainda maiores.

Quando têm que arcar com os altos custos da repetência, os países recebem pelo menos algum benefício em termos de equidade e de desempenho geral? O PISA 2009 mostra que os países com altos índices de repetência são os que apresentam desempenhos escolares mais fracos. Aproximadamente 15% das oscilações de desempenho entre os países da OCDE se explicam pelas suas diferenças em termos de repetência, e o ambiente socioeconômico do estudante é mais fortemente associado a desempenho nesses países, independentemente da riqueza de cada um deles.

#### Mudar os estudantes para escolas diferentes...

Transferir alunos para outra escola por causa do baixo rendimento acadêmico, por problemas de comportamento ou por necessidades especiais de aprendizagem é outra forma que os sistemas educacionais usam para agrupar os estudantes. Em média, nos países da OCDE, 18% dos estudantes frequentam uma escola em que os diretores informam que estaria propensa a transferir alunos por esses motivos. Na Austrália, na Finlândia, na Islândia, na Irlanda, na Nova Zelândia, na Noruega, em Portugal, no Reino Unido

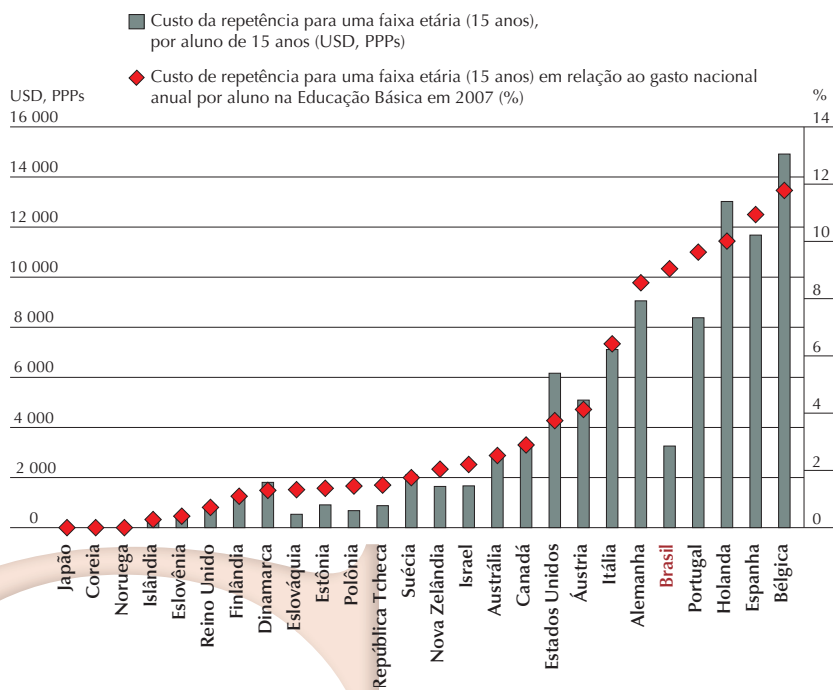


e nos países parceiros Liechtenstein e Cingapura, menos de 3% dos estudantes frequentam escolas cujos diretores estariam propensos a transferir alunos por esses motivos, ao passo que na Áustria, na Bélgica, na Grécia, em Luxemburgo, nos países parceiros Colômbia, Indonésia, Jordânia, Catar, Romênia e na economia parceira China-Macau mais de 40% dos alunos frequentam tais escolas.

O PISA 2009 revela que os países em que mais escolas transferem estudantes pelas razões acima apresentam desempenho geral mais fraco. De fato, mais de um terço das diferenças entre os países em relação ao desempenho dos estudantes pode ser explicado pelo índice de transferência de alunos, independentemente da riqueza do país.

Os sistemas escolares que transferem alunos com mais frequência também tendem a apresentar uma relação mais forte entre o ambiente socioeconômico dos alunos e o rendimento, além de um hiato maior entre as escolas no que se refere ao desempenho, mesmo depois de se levar em conta a renda nacional do país. Isso sugere que as transferências tendem a estar relacionadas à segregação socioeconômica nos sistemas escolares, onde alunos de ambientes mais favorecidos acabam nas escolas de melhor desempenho, enquanto alunos de ambientes menos favorecidos acabam nas escolas de baixo desempenho. No entanto, isso não significa necessariamente que se os países abolirem as políticas de transferência seus resultados irão melhorar automaticamente; o PISA não mede causa e efeito.

### Considerando que os repetentes chegam no máximo ao final do ensino fundamental...



Obs.: Essas estimativas não levam em conta os potenciais benefícios da repetência ou os custos que haveria se os sistemas escolares não permitirem a repetência. Por exemplo, os estudantes que repetiram um ano podem estar mais bem preparados para o mercado de trabalho do que se não tivessem repetido. E as escolas poderiam gastar mais para oferecer aulas de reforço para estudantes com dificuldades do que se esses estudantes não pudessem repetir um ano.

Fonte: Ver observação sobre a estimativa dos custos da repetência.

... não é a única forma de acomodar grupos de alunos diferentes.

As escolas que não têm a opção de transferir os alunos enfrentam de formas diferentes o problema da diversidade dos discentes em termos de competências, potencial e interesses. Por exemplo, os diretores de escolas em países com baixos índices de transferência em geral dizem que suas escolas têm mais responsabilidade para estabelecer políticas de avaliação de alunos, para decidir que cursos serão oferecidos e para determinar conteúdos e escolher livros didáticos – que são meios de lidar com grupos heterogêneos de alunos. Nos países da OCDE, 20% das variações no índice de transferência de alunos relacionam-se com o grau de responsabilidade das escolas pelo currículo e pelas políticas de avaliação escolar.

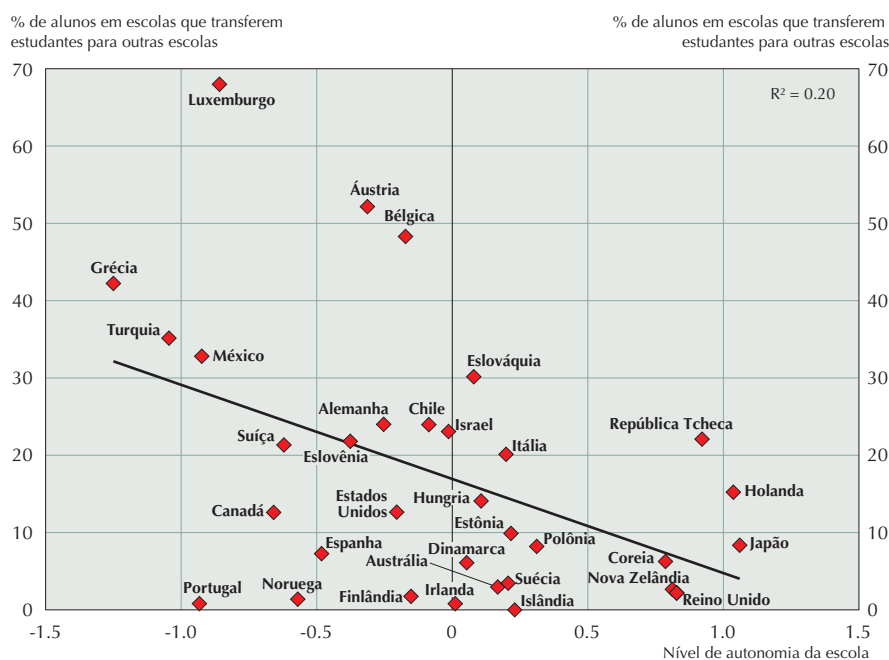


# PISA

## EM FOCO

Esses resultados sugerem que, de um modo geral, os sistemas escolares que buscam cuidar das diferentes necessidades dos alunos por meio da repetência ou da transferência para outras escolas não conseguem produzir resultados superiores e, em alguns casos, acabam por reforçar as desigualdades socioeconômicas. Neles, os professores podem ter menos motivação para trabalhar com os estudantes que têm dificuldades porque sabem que existe a opção de transferi-los para outras escolas. Esses sistemas escolares precisam considerar a hipótese de criar incentivos apropriados para garantir que alguns alunos não sejam por eles “descartados”.

### Sistemas educacionais com taxas de transferência mais baixas tendem a dar mais autonomia às escolas para determinar currículos e avaliações



Obs.: O nível de autonomia da escola é medido pelo índice de responsabilidade da escola pelo currículo e por avaliações. Valores positivos indicam maior autonomia.  
Fonte: OCDE, Base de Dados do PISA 2009, Quadros IV.3.3a e IV.3.6.

Para concluir: Algumas políticas que são usadas para agrupar os alunos segundo seu potencial acadêmico, seus interesses ou seu comportamento, tais como as políticas de repetência ou transferência, podem custar muito para os sistemas educacionais e, de modo geral, não estão associadas a melhor desempenho dos estudantes ou a oportunidades de aprendizado mais equitativas.

#### Para mais informações

Contatar Miyako Ikeda ([Miyako.Ikeda@oecd.org](mailto:Miyako.Ikeda@oecd.org))

Ver *Resultados do PISA 2009, O que Faz uma Escola ser Bem-Sucedida? Recursos, Políticas e Práticas (Volume IV)*

Visitar  
[www.pisa.oecd.org](http://www.pisa.oecd.org)

Próximo número:

Escolas privadas: quem sai ganhando?